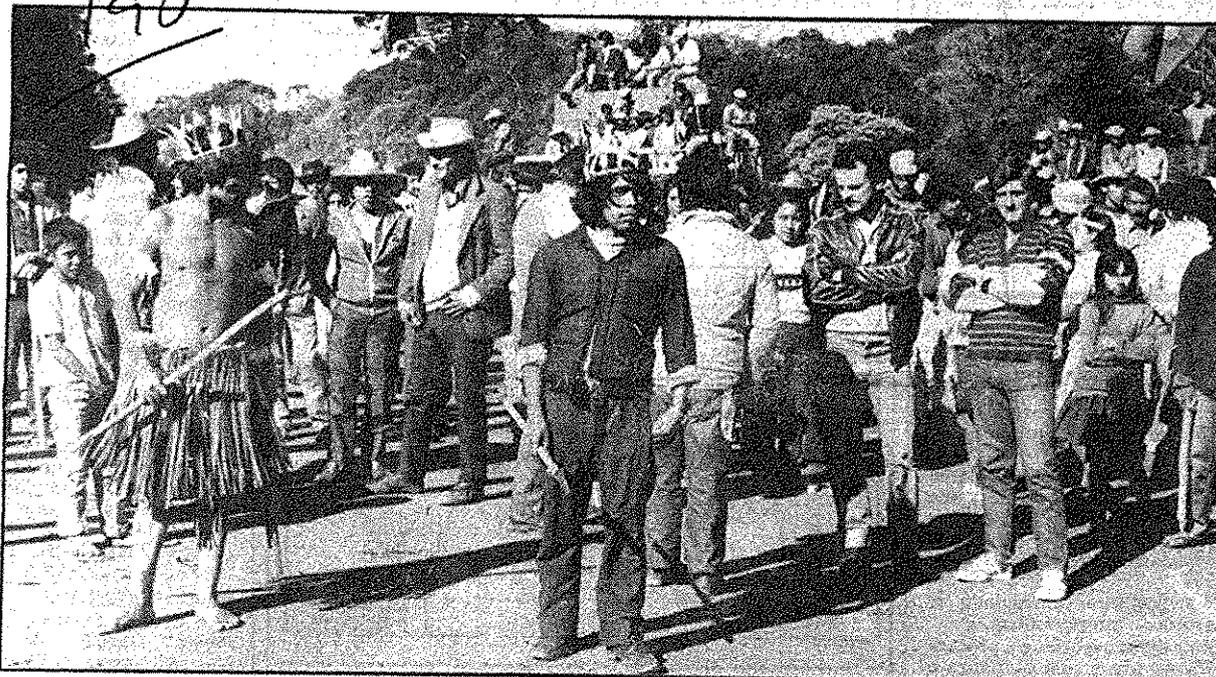


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta do Povo Class.: 91Data: 06.06.85 Pg.: _____

A ESPERA DE SOLUÇÃO



Em Mangueirinha, os índios continuam bloqueando a rodovia, esperando uma solução para as reivindicações, que pode vir hoje, com a presença do presidente da Funai em Curitiba.

Presidente da Funai no PR hoje para tentar uma solução em Mangueirinha

Na região de Mangueirinha, os índios continuam interditando a estrada que dá acesso àquela cidade, enquanto esperam uma decisão em torno de suas reivindicações. Segundo levantamentos feitos, perto de 7 mil indígenas já se encontram no local, vindos de várias partes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para tentar encontrar uma solução, o presidente da Funai, Gerson da Silva Alves, estará hoje em Curitiba. Já o delegado regional da Fundação, Eustáquio Machado, se encontra na área em conflito. Para garantir a situação, que está bastante ten-

sa, efetivos da Polícia Militar de Pato Branco foram deslocados para Mangueirinha. Os índios estão disputando terras com o Grupo Slaviero, numa pendência que corre na Justiça já há alguns anos. Além disso, querem indenizações em face da construção da PR-281 que corta suas reservas e pelas terras perdidas com a construção da usina de Santo Santiago. Para hoje está prevista reunião em Curitiba, na sede da Funai, com a presença de todos os caciques cujos membros da tribo participaram da invasão da área em conflito. (Pág. 40).

Mangueirinha: Funai tenta solução hoje

Reivindicando uma série de indenizações por faixas de terras de sua reserva que foram tomadas, segundo eles, os índios da região de Mangueirinha continuam interditando a estrada que dá acesso aquela cidade, até que uma decisão seja tomada. Conforme informações de ontem à tarde, mais de sete mil índios estão no local, vindos de várias partes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para tentar solucionar o problema, que pode se agravar, pois o acesso a Mangueirinha está sendo feito por estradas secundárias, estará hoje à tarde em Curitiba o presidente da Funai - Fundação Nacional do Índio, Gerson da Silva Alves, que virá de Brasília.

O delegado da Funai em Curitiba, Estácio Machado, se encontra na área do conflito, sendo que para lá se deslocou assim que soube do problema. Os índios invadiram uma área de terras, que diziam ser deles, e expulsaram de lá os seus moradores - 5 famílias - que foram levadas para Coronel Vivida. Depois disso, bloquearam a estrada com tratores, máquinas agrícolas e pedras, e não permitem a passagem de ninguém, até que a situação se resolva.

Conforme o delegado substituto da Funai, Nilo Paulo Morás, que permaneceu em Curitiba, "a situação está bastante tensa e os índios estão muito nervosos". Para garantir a segurança, a Polícia Militar deslocou para a área, dezenas de homens do 3.º Batalhão de Pato Branco. Por

outro lado, disse Nilo que "os índios só querem o que é deles por direito". Dentre as reivindicações querem a regularização da terra de uma área que hoje se encontra em litígio na justiça com o grupo Slaviero, de Curitiba; querem indenização da área que foi ocupada pela PR-281, que passa em suas terras, cortando a reserva, ligando a BR-373 a Mangueirinha. Também a indenização da BR-373, que liga Guarapuava a Pato Branco, dentro da reserva.

Outra indenização reivindicada é pelas terras que foram tomadas pelas águas com a construção da usina Salto Santiago e também por duas redes de alta tensão que passam em sua área. Enquanto as suas reivindicações não forem atendidas, os chefes indígenas afirmam que não irão desbloquear a estrada. Isto vem causando sérios transtornos, pois se formam imensas filas de ônibus, caminhões e carros de passeio em direção a Mangueirinha ou vice-versa. Para o delegado substituto da Funai, "não estão pedindo nada que não têm direito".

O movimento começou as duas horas da manhã de ontem e o primeiro passo dos índios foi a invasão das terras em litígio na região. Noticiou-se ontem que foi usada de violência nesta invasão, mas Nilo Paulo Morás desmente esta versão, afirmando que "os índios tiraram as famílias com muito cuidado. Os móveis levaram para um

posto de gasolina e tiveram muita consideração com as crianças. Não quebraram nada. Isto é tudo conversa".

MILHARES DE INDIOS

Mangueirinha, que fica localizada a 420 quilômetros de Curitiba, possui uma aldeia indígena que abriga um pouco menos de 1200 índios. No entanto, no momento estão contando com a colaboração de índios de outras regiões. Ontem, a Funai informou que na área deveriam estar cerca de 3 mil índios, mas o delegado de Mangueirinha já afirmou que este número deve estar em torno de 7 mil. Eles vieram de reservas localizadas em Chapecó, Guarapuava, Palmas, Ocoi, Rio das Cobras, Nonoai e até de Mato Grosso do Sul. Cada líder indígena levou de 2 a 3 caminhões de homens para Mangueirinha.

SITUAÇÃO TRANQUILA

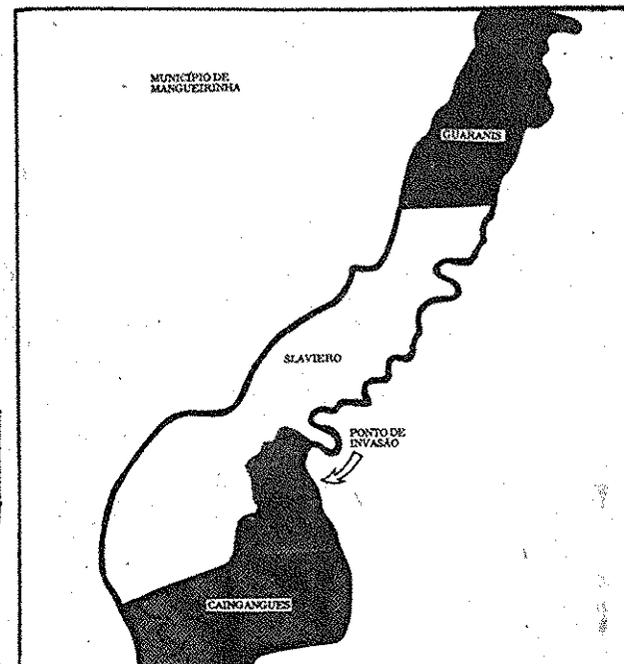
Apesar de todo este movimento e do transtorno causado pela interdição do acesso a Mangueirinha, a situação ontem à tarde no local era de tranquilidade. Os índios não arredaram pé de suas posições, mas também não provocaram mais nenhum tumulto. Conforme o delegado de polícia de Mangueirinha, Gilberto Tadeu Serpa, "os índios estão esperando a presença do presidente da Funai. Só depois disso é que pensam em tomar alguma atitude".

"Havia ontem - na área devem existir uns sete mil índios". Também informou que não existia ninguém ferido. Tudo está tranquilo e os índios não estão violentos". Quanto a presença da Polícia Militar na área, para o delegado se deve para que a tranquilidade seja mantida. Outro detalhe narrado pelo delegado é que os índios colocaram as mulheres e crianças na linha de frente da barricada. "Eles colocaram na estrada, os tratores, máquinas agrícolas e pedras e existe um cordão de aproximadamente mil mulheres e crianças, na frente, impedindo qualquer passagem".

REUNIÃO HOJE

Informações colhidas em Mangueirinha, no próprio local do conflito, onde está o delegado da Funai no Paraná, Estácio Machado, para hoje, às 14 horas, está marcada uma reunião em Curitiba, na delegacia do órgão, reunindo todos os caciques das nações indígenas presentes ao bloco da rodovia. Nesta reunião estará presente o presidente da Fundação Nacional do Índio, Gerson da Silva Alves, que virá de Brasília especialmente para tentar resolver o impasse. Somente depois deste encontro com Gerson é que os índios prometem tomar alguma decisão em termos de reconsiderar o movimento em Mangueirinha.

AREA EM CONFLITO



No mapa, a localização das reservas indígenas e a região que está em litígio.

Direito de posse da terra, um caso antigo

A quem pertence a área de terra que foi invadida na madrugada de ontem? Os índios dizem que a eles, pois lá estão há muito tempo. A Slaviero Florestal diz que é dela, apesar de que as terras são devolutas mas existe um litígio sendo disputado na Justiça. De posse do livro "A Verdadeira História do Índio Brasileiro", um representante da firma ontem explicou a posição da empresa diante do episódio de Mangueirinha.

Ele começou dizendo que a atitude dos índios se configura em um desrespeito ao Poder Judiciário. Também disse que há algum tempo, a Funai entrou com uma ação

contra a Slaviero, com o intuito de provar que aquela área era indígena. "No entanto, a Justiça Federal decidiu pelo contrário". Explicou que em Mangueirinha, na realidade, existem duas reservas indígenas. Uma dos Guarani, com 3.300 hectares e outra dos Caingangues, com 4.100 hectares. Sobre a presença anterior dos índios no local, falou que "em Curitiba, quando de sua fundação, também existiam índios em seu território. Agora só falta um descendente dos índios que aqui habitavam, chegar hoje e dizer isto aqui é meu". A área da Slaviero, que na realidade são terras devolutas, está entre estas duas reservas e os índios a querem para eles. Quanto a área ser indígena ou não, para o

representante, as terras deles foram demarcadas, inclusive o Paraná foi um dos pioneiros no Brasil em demarcar terras de índios e o terreno hoje em litígio não foi demarcado".

Ainda quanto a ação da justiça no problema, informou que o Tribunal Federal de Recursos, consultado sobre a questão, determinou que não se procedesse qualquer alteração no local. Sobre as providências da Slaviero, "não faremos nada que não seja determinado pela lei". Em sua opinião, quando da invasão da propriedade na madrugada de terça-feira, "os nossos funcionários, de acordo com a

lei, poderiam até mesmo reagir pela força, mas decidiram pelo contrário. Agora, os índios têm o dever de desocupar aquelas terras, imediatamente".

Hoje, com a presença do presidente da Funai em Curitiba, a Slaviero pretende entrar em contato com ele. "A Funai é a tutora dos índios e é de sua responsabilidade fazer com que eles respeitem as leis e especialmente as decisões do Poder Judiciário". Por outro lado, declarou que a única restrição constitucional ao direito de propriedade é a desapropriação. "Ou se restabelece o plano respeito ao direito da propriedade ou se desapropria pagando uma justa indenização", concluiu.

Reforma agrária: empresários falam

Os empresários agrícolas do Paraná reconhecem a necessidade de uma reforma agrária, para aumentar a produtividade e minimizar as tensões sociais existentes no campo. Porém, fazem algumas restrições e desejam um melhor esclarecimento sobre a forma com que será aplicada, que poderá levar a intranquilidade nesse importante setor da economia paranaense.

Este, em linhas gerais, foi o pensamento manifestado pelos 147 presidentes de sindicatos rurais reunidos extraordinariamente ontem pela manhã, na Federação da Agricultura do Estado do Paraná.

Essa reunião fora convocada pelo presidente da FAEP, Paulo Carneiro, especialmente para examinar a problemática de reforma agrária anunciada pelo presidente da República. Para os produtores agrícolas do Paraná, a reforma agrária deve ser acompanhada de uma série de medidas bem estudadas, a fim de que não venha a causar um problema maior ainda. Alguns deles lembraram os três casos de suicídios ocorridos há dias em um município do Paraná, de agricultores que colocaram termo a vida porque não tinham condições de saldar os empréstimos bancários efetuados por ocasião do plantio, face aos baixos preços pagos pela sua produção.

"Isto demonstra que apenas distribuir terra não adianta muito e pode gerar outros problemas", acrescentaram eles.

Paulo Carneiro explica que a reunião objetivou informar aos produtores rurais sobre o que o governo pretende com a reforma agrária, bem como auscultar as opiniões dos agricultores do Paraná, que será levada, na próxima segunda-feira, à reunião da Confederação Nacional da Agricultura, em Brasília, a qual ele estará presente.

Esclarece não serem os produtores paranaenses contra a reforma agrária, mas pretendem um estudo crítico para a viabilização do projeto. Esse estudo será levado posteriormente ao presidente José Sarney. Finaliza Paulo Carneiro que a maior preocupação da categoria é com relação a forma como a reforma agrária será aplicada, a fim de se evitar a tensão que poderia paralisar completamente esse importante setor da economia brasileira.